

## OS CAIAPÓ DO SUL E AS MUDANÇAS SOCIOAMBIENTAIS NA HISTÓRIA DE GOIÁS

Marcos Flávio Portela Veras<sup>1</sup>

Sandro Dutra e Silva<sup>2</sup>

Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA<sup>12</sup>

### RESUMO

A proposta com este texto é contribuir com os estudos de história indígena e ambiental, perspectivas recentes na historiografia, baseadas em diálogos interdisciplinares muito significativos. Elas possibilitam uma valorização da versão indígena dos processos históricos e uma compreensão do simbólico e material, da sociedade e natureza como dimensões integradas e interdependentes. O caso dos Caiapó do Sul de Goiás, extintos em meados do século XIX, grupo conhecido pela resistência às intervenções externas ao seu território, é pertinente para entender como algumas populações tradicionais tiveram que ser dizimadas em nome do “progresso”. O vasto vazio demográfico dessas populações no estado de Goiás denuncia violentos processos de intervenções sobre essas populações e contraste entre formas tradicionais e modernas de lhe dar com o espaço em que se apropriam. Por meio de pesquisa documental e de arquivos que remontam o período de sua existência, tem sido possível extrair informações sobre as relações estabelecidas, as representações e possíveis desdobramentos. Dessa forma, assim como os Caiapó muitos outros grupos étnicos foram exterminados ou pressionados a deixar o território goiano, promovendo grandes transformações socioambientais.

**Palavras-chave:** Povos indígenas; Meio ambiente; Estado de Goiás.

### INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, o Brasil foi o cenário de muitas disputas pela apropriação do seu território e sua diversidade biogeográfica. Seus habitantes originários experimentaram deslocamentos forçados para fugir dos conflitos ou resistiram bravamente às frentes de expansão colonial, sendo quase totalmente dizimados, criando áreas de grande vazio demográfico da presença indígena. Um exemplo emblemático disso é o caso dos Caiapó do Sul, que teriam desaparecido dos relatos históricos em meados do séc. XIX, quando houve uma série de fugas do aldeamento onde viviam.

Mais recentemente, tem surgido abordagens históricas que podem ser bem significativas na tentativa de elucidar esses processos sociais e suas implicações para a contemporaneidade. Uma delas é a história indígena, que lança um novo olhar para a historiografia tradicional, tentando entender como os próprios indígenas compreenderam e agiram em meio às intervenções externas contra seu território e autonomia, uma busca da versão indígena da história do Brasil. A outra é a história ambiental, propondo, sobretudo, uma historiografia que evite uma assepsia entre

natureza e sociedade/cultura, na tentativa de considerar tanto aspectos da natureza, quanto da vida social, propondo uma abordagem interdisciplinar, incluindo pesquisadores das duas grandes áreas do conhecimento.

Diante disso, há uma grande necessidade de pesquisas no campo de estudos da história ambiental e indígena sobre a presença e apropriação do espaço das populações indígenas e outras, identificadas como tradicionais. A ausência de tais populações no estado de Goiás, se comparado a outros estados da federação, suscita muitas questões sobre os processos históricos que conformaram a atual configuração socioambiental. Isso demonstra a importância de se entender como o grande avanço das fronteiras agrícolas e outras atividades econômicas pressionaram o deslocamento, silenciamento e invisibilidade dos habitantes originários.

Não obstante a realidade de desigualdades simbólicas e históricas construídas no processo de formação do Brasil, bem como os esforços recentes de recontar esta história incluindo a versão dos indígenas e escravos africanos, até que ponto os registros históricos sobre grupos, como os Caiapó do sul, que habitaram o território goiano podem ser úteis para entender o já mencionado vazio demográfico? Ainda, como podem contribuir na elucidação do processo histórico de formação da paisagem ambiental ou socioambiental, compreendendo a paisagem humana e ambiental como indissociável?

Na busca da elucidação da problemática supracitada, seria apropriado compreender os processos sociais envolvendo os Caiapó do Sul de Goiás nas relações com os agentes de intervenção externos que resultaram em sua população atual. Também identificar discursos que forneçam subsídios para história indígena e ambiental em Goiás em documentos e outros arquivos, descrever os vetores de compreensão da história indígena em Goiás encontradas nas fontes citadas, bem como propor linhas de compreensão da história indígena e ambiental em Goiás, e estratégias para dar visibilidade a esses capítulos tão importantes da história do Brasil.

## **HISTÓRIA SOCIOAMBIENTAL**

Primeiramente é pertinente mencionar, para os objetivos dessa pesquisa, uma necessária aproximação epistemológica entre Antropologia e História, apontado por Ortner (2011) como uma forte tendência nos estudos antropológicos pós-estruturalistas, que surgem focando em lacunas dos estudos estruturalistas e

sistêmicos, como a forma que as coisas chegaram a ser como são e suas perspectivas futuras. Com isso, conforme elucida Almeida (2010), a Antropologia passa a considerar e valorizar processos históricos, ao ponto que a História valorizará um pouco mais a alteridade e a versão das margens, das populações historicamente subalternas, como os indígenas.

Em outra publicação, Almeida (2017) menciona a referida aproximação promove o surgimento da história indígena, destacando o protagonismo dos povos indígenas nos processos históricos. “A inclusão de novos atores e a preocupação em identificar suas ações, escolhas e interesses na dinâmica de suas trajetórias desconstruem visões generalizantes e simplistas...” (p. 18). Essa autora enfatiza a importante mudança de perspectiva que favorecem a desconstrução da ideia de que as populações indígenas seriam totalmente “integradas” aos não indígenas. Os indígenas passam a ser compreendidos como sujeitos históricos, que tinham agências, com participação ativa na história do Brasil, motivo pelo qual tem sua própria narrativa sobre os eventos.

Corroborando com esta ideia, Monteiro (1995) menciona que a visão pessimista em relação a continuidade das populações indígenas é a razão da falta de interesse dos historiadores, renovado com a aproximação da Antropologia com a História, fazendo surgir uma nova história indígena, com a pressuposição de que processos históricos e estruturas culturais se influenciam mutuamente. A emergente antropologia histórica atribui protagonismo aos indígenas nas relações estabelecidas, passando a ser considerados sujeitos da história, capazes de agir estrategicamente e moldar seu próprio futuro diante das circunstâncias de dominação a que foram submetidos. Como isso, as pesquisas passam a adotar “como fonte de confiança outros gêneros de discurso histórico, tais como os mitos e outras narrativas das tradições orais” (p. 227).

Outra abordagem utilizada nessa pesquisa e que também promove mudanças epistemológicas no campo historiográfico é a história ambiental. Assim como a história indígena, teria surgido na década de 1970, no âmbito das discussões que passaram a questionar a separação rígida entre natureza e sociedade. Esta dualidade pressupunha campos, instrumentais e aportes totalmente distintos na ciência. Como fatores fundamentais para a emergência do novo paradigma, Pádua (2010) menciona

o surgimento da ideia do poder de degradação ambiental da ação humana, as mudanças nos marcos cronológicos e a percepção de natureza como história dentro de um processo dialético. Na história ambiental, natureza e sociedade tem uma relação de interdependência e seu objetivo é entender a sua interação ao longo tempo, requerendo um diálogo interdisciplinar na sua produção.

Também é oportuno mencionar uma categoria analítica que é o conceito de fronteira. De acordo com Dutra e Silva (2018), tem sido amplamente utilizada nos estudos históricos latino-americanos sobre relações sociais que envolvem a relação entre natureza e cultura. Com base na pesquisa da norte-americana Mary Karasch sobre a fronteira goiana, afirma que a fronteira deve ser compreendida como espaço de contato e relações comerciais, envolvendo a exploração de recursos naturais e a relação entre Coroa Portuguesa e comércio de escravos. “Ou seja, a fronteira goiana em Mary Karasch não experimentava do isolamento, nem político e nem tão pouco econômico, mas era uma fronteira em movimento e interação, envolvendo portugueses, africanos, luso-brasileiros e comunidades indígenas” (p. 213).

## **INSTRUMENTAIS DE ANÁLISE**

Para alcançar os objetivos propostos serão utilizados procedimentos de pesquisa qualitativa, sendo caracterizada pela análise de microprocessos por meio de estudos de ações sociais individuais e sociais, com ênfase na subjetividade e fuga de padrões estabelecidos. As estratégias selecionadas devem convergir para a coleta e análise de dados para os resultados propostos, de informações que irão contribuir para entender a participação ativa dos povos indígenas na história de Goiás. Essa abordagem será útil, tendo em vista que se está interessado nos significados que os dados a serem levantados atribuem a presença dos povos originários no Brasil contemporâneo.

Dentro do processo da pesquisa será realizado um levantamento da literatura científica disponível, mapeando as contribuições dos diversos autores sobre o assunto em livros, periódicos (jornais ou revistas) impressos e disponíveis na internet. Nas entrevistas serão utilizados questionários previamente preparados com o intuito de colher informações importantes, mas aplicados discretamente numa conversa informal e gravadas, sendo utilizadas para fins de pesquisa com a devida permissão dos entrevistados. Embora não se prenda a informantes-chave, as entrevistas serão

realizadas, especialmente com indivíduos com um bom conhecimento da história do seu povo ou dos processos históricos a que foram submetidos. Outro recurso importantíssimo é a pesquisa documental, onde se investigará os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos (ONGs, fundações, universidades etc.), fotografias, gravações, regulamentos, ofícios, boletins, entre outros.

## CONCLUSÃO

Tratando-se de uma pesquisa em andamento, como parte de um projeto mais amplo sobre a presença indígena na história de Goiás, é possível concluir parcialmente que os resultados poderão contribuir para a compreensão das mudanças socioambientais na história de Goiás. A história das populações originárias e das relações estabelecidas com os agentes de intervenção, podem ser úteis para entender processos de degradação socioambiental no passado, presente e projetar o futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. São Paulo: Editora FGV, 2010.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas. **Revista Brasileira de História**, 37(75), 2017, p. 17–38. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-02> Acesso em 02 dez. 2023.
- DUTRA E SILVA, Sandro. Paisagem, sociedade e vida cultural: a fronteira goiana no período colonial. **Diálogos**, v. 22, n. 3, p. 212-217, 21 dez. 2018.
- ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, v. 17, n. 2, p. 419–466, ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/vW6R7nthts99kDJjSR79Qcp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 01 dez. 2023.
- MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da S.; GRUPIONI, Luís D. Benzi (Ed.) **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º. e 2º. graus**. Brasília: MEC; Mari; Unesco, 1995. p.221-228.
- PÁDUA, J. A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, 24(68), 81–101, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009>